

“Terra de caboclo é terra de encantaria”

Deanny Stacy Sousa Lemos (UFPI/PI)¹

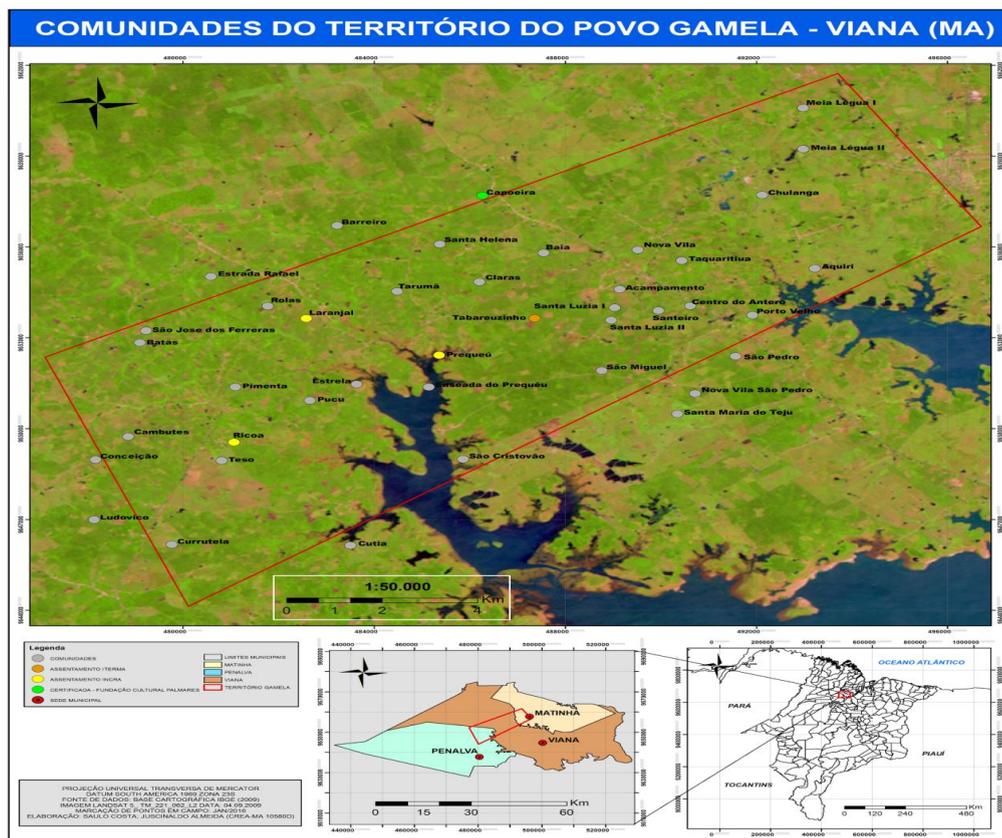
Resumo: Este trabalho que ainda está em andamento realizado no território akroá gamella no estado do Maranhão, busca tratar sobre o território encantado que abriga uma multiplicidade de seres encantados e sagrados. Esses seres por possuírem o *pensamento vivo* interagem e possuem formas de conexões com os indígenas.

Palavras-chave: Encantados. Interação. Conexão.

Introdução

Esse artigo é fruto do material que ainda está em conclusão, sendo assim, o trabalho se deterá em mostrar os dois primeiros capítulos do material de qualificação que busca expor um território encantado por ser habitados por vários seres humanos e não humanos, que dentro desse território traçam caminhos entre o mundo dos seres encantados e dos indígenas que os conectam e proporciona que todos os seres consigam se relacionar. A pesquisa foi desenvolvida no território akroá gamella localizado entre os municípios de Viana, Matinha e Penalva no estado do Maranhão em uma região conhecida como baixada maranhense, o território possui 14,5 mil hectares de terra de acordo com a carta de doação que está sob posse do povo akroá gamella, porém, devido ao esbulho das terras, ocupam hoje apenas 530 hectares, dividida entre nove aldeias, na qual abriga mais de 700 famílias. As outras áreas que são chamadas de comunidades são ocupada por não indígenas, ao todo são 36 comunidades

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.



Devido esbulho no território que foi se desenvolvendo ao longo dos mais de 200 anos de ocupação do povo akroá gamella na região, hoje as reivindicações políticas que cercam as demandas territoriais estão sempre nas pautas emergenciais levantas pelos indígenas. O contato que tive com os seres encantados e o território encantado se deu devido a uma pesquisa desenvolvida em 2018 no território que buscava tratar sobre as reivindicações territoriais e as retomadas de terra. Ao longo do campo no território akroá gamella fiquei em uma retomada de terra, local conhecido com retomada João Piraí, foi uma recuperação territorial realizada em 2015. Nesse local o empresário Junior Tenaz possuía algumas criações de peixes e retirava matéria prima para sua empresa de cerâmica, que inclusive foi responsável por assorear o rio Piraí.

Ficar em uma retomada de terra me proporcionou um contato intenso com as demandas relacionadas ao retorno da terra para o povo akroá gamella, também pude conviver com uma rotatividade intensa de pessoas que passavam pela retomada, assim ouvia muitas narrativas a respeito das retomadas de terras realizadas e as experiências coletivas.

Essas trocas de conversas e vivências foram caminhos abertos que me inseriram em um território que é habitado por vários seres encantados, sempre quando falavam dos efeitos e causas para se retomar a terra, os seres encantados estavam presentes nas narrativas, seja nessa dualidade enquanto causa ou enquanto efeito, mas esses seres eram traduzidos nos relatos como algo imprescindível e indispensável no território. Ao longo das narrativas, afirmavam que retomavam os

espaços que estavam sob posse de não indígenas para que os seres encantados pudessem habitar novamente no território, pois a *morada* que é o local que abriga esses seres foram destruídas devido as intervenções ambientais feitas por fazendeiros, tendo em vista, que muitas *moradas* que são lugares sagrado estavam em algumas fazendo, acarretando no distanciamento de alguns seres do território para buscar outros abrigos na natureza.

Assunto sobre os seres encantados foram bastante conversados comigo, gostava muito de poder ouvir as experiências que tiveram ou ouviram dos mais velhos. Em muitas noites na retomada Pirai, sentava com Mandioca que mora na aldeia Tabocal e Seu Antônio que mora na aldeia Centro do Antero, conversamos sobre as cantigas sagradas, sobre os rituais que realizavam para se protegerem, como os encantados eram importante na suas vidas e que precisavam cuidar do território para que eles continuassem a voltar para suas *moradas*. Por mais que estivesse pesquisando sobre as retomadas de terra, compreendi que retomar o território não era somente feitas recuperações territoriais, mas eram as retomadas eram retomadas de relações, o momento era de fortalecimentos das relações que estavam enfraquecidas devido ao esbulho das terras.

Jaurê que mora na aldeia Cajueiro, um dia afirmou sobre as retomada *''Então foi uma forma assim que as retomadas foi uma é ... um avanço muito grande, resgatamos o trabalho coletivo. Mas tu sabe que foi uma das conquista o trabalho coletivo''*, essa construção ativa e coletiva do território (ALARCON, 2013) marcou outras narrativas traziam os seres encantados como parte dessa conquista de retomada de relações, já que muitas retomadas realizadas pelo povo akroá gamella durante os anos de 2015 a 2017 foram em áreas que reconhecem enquanto espaços sagrados por abrigar os seres encantados, esses locais são chamados por *encantorias*, *pontos de índio* ou *pontos sagrados* e permite a relação entre todos os seres que vivem no território (GALLOIS, 2004).

Um dos momentos que marcou muito o campo durante o ano de 2018 foi uma experiência a respeito dos seres encantados, pois sempre pude ouvir a respeito desses seres, a importância da permanência e volta de alguns dos seres para o território como foi narrado em diversos relatos que permitiram pensar nesse território encantado que abriga inúmeros seres que permitem que possam se relacionar e criarem conexões entre humanos e não humanos. Partindo dessa experiência pessoa e juntamente com as narrativas foi um divisor de águas ver um território que corresponde a um espaço de encantamento, como diz uma cantiga sagrada que dá origem ao título desse trabalho. Tinha chegado em campo apenas alguns dias, no terceiro foi quando decidi conversar com alguém sobre me senti bastante incomodada com a sensação de alguém está diretamente olhando para mim, nas três primeiras noites por volta das 3h ou 4h da madrugada era impossível continuar dormindo, pois sentia algo sacudindo a rede que dormia, começava ficar muito arrepiada e ainda tinha a sensação de

alguém está muito perto do rosto, recorde de tentar com a luz do celular observar para ver se de fato tinha alguém por perto, porém, nunca tinha nada.

Na terceira noite foi algo que não pude controlar, a mistura de susto com medo, lembro de tentar racionalizar a situação, mas depois de duas noites que não pude dormir e passar a madrugada sentindo algo incomodando minha rede, assim que comecei a ouvir passas ou alguém próximo a minha rede, chamei Seu Antônio, era alguém que estava desde quando cheguei à retomada Piraí, apesar de ficar muitos dias na retomada, pois nunca deixam ela sozinha, ele mora em um outra aldeia conhecida como Centro do Antero. Assim que chamei Seu Antônio ele veio assustado achando que era alguém que tinha invadido a retomada, contei a ele o que estava acontecendo comigo naquele momento e nas duas outras noites, me informou que retomada é chamada de Piraí, pois o rio que está ao fundo pertence ao encantado João Piraí e provavelmente era João Piraí fazendo alguma brincadeira comigo, disse que seria bom pedir permissão a ele. Busquei-me tranquilizar e pedir permissão a João Piraí para ficar no território, depois desse dia nunca mais fui acordada durante a madrugada por ouvir algo ou sentir a rede sendo balançada.

Essa experiência que me foi vivenciada, as narrativas ouvidas, roda de conversa no final do dia, as cantigas sagradas cantadas nos rituais proporcionaram esse contato com um território encantado que abriga uma diversidade de seres encantados e sagrados para o povo akroá gamella. Sendo assim, buscaremos a priori descrever sobre o território plural que abrigam humanos e não humanos seres que encantados e sagrados para o povo akroá gamella, deste modo, trataremos descrição sobre quem são esses seres e como vivem no território. No tópico dois, trataremos da relação e interação existente entre indígenas e seres encantados e como ocorre a conexão entre esses seres.

1. Território é morada de vários seres

Diante das narrativas no território akroá gamella é se torna imprescindível não buscar um abordagem que compreenda um território como um espaço que possui uma pluralidade de seres que habitam aquela terra, sendo necessário um foco etnográfico para além do humano, assim como Eduardo Kohn (2013) busca trabalhar uma antropologia que compreenda o mundo e suas linguagens além do humano. Tendo em vista que o território akroá gamella possui uma conexão entre seres humanos e não humanos que se relacionam, fazem representações sobre o território e interagem com ele como as narrativas expostas anteriormente. Esses lugares sagrados estão conectados no território formando a natureza, em razão de que a morada desses seres são rios, igarapés, poços, olhos d'águas, mata e entre outros locais na natureza.

Os locais sagrados e os seres encantados são fontes de conhecimento, como também possui relações com algumas atribuições corpóreas. Seu Antônio que possui 47 anos e mora na aldeia Centro do Antero enquanto conversamos na aldeia Piraí relatou alguns locais conhecidos

como Lagoa das Flores, Lagoa da Contra erva e Mormoraná, esses são *pontos sagrados*, que podem oferecer flores e erva que são importantes para preparação de remédio. Seu Antônio explicava que nesses locais possuem todas as ervas medicinais, porém ninguém plantou, elas nasceram e sempre estiveram presentes nos locais de *encantoria*. Fora os pontos em Fragrato, aldeia Pirai, Aldeia Cajueiro, que possuem nascentes e olhos d'água importante para sobrevivência do encantados, mãe d'águas e animais encantados.

Os seres encantados fazem parte de diversas cosmologias, assume ou sofre alterações características dependendo do povo a qual faz referência, deste modo, buscaremos expor neste tópico quem são esses seres encantados, como vivem e agem no território, para posteriormente a explicar a forma como se conectam com os indígenas. Para os akroá gamella, quando falam em encantados, como dito anteriormente, de modo geral é assim que nomeiam os seres sagrados no território, mas ao relatarem experiências mais específicas afirmam a qual ser sagrado fazem referência, deste modo, quando me referir a seres encantados, estou falando dos seres que habitam o território akroá gamella.

1.1 Encantados

Os encantados são homens e mulheres que vivem no território de maneira invisível, sua morada como é chamada por muitos é nos rio, igarapés, lagos, açudes, olhos d'água e mata. A fala de Seu Márcirio que possui 77 anos e mora na aldeia Centro do Antero, também corrobora com a noção de que os encantados têm vida social parecida com a dos humanos, afirmou que eles gostam de brincar, dormir e andar de dia e de noite pela terra, também vivenciam a natureza e interagem com ela. Na maior parte do tempo vivem na natureza de forma invisível, mas se mostram para alguém quando necessário. Contudo, não é qualquer pessoa que pode ver um encantado, como relatou seu Macírio, somente “*Quem tem olho limpo ver, quem não tem não vê*”. O “*olho limpo*” para ver os encantados está ligado às questões espirituais de quem têm relação muito próxima com esses seres, podem ser crianças ou adultos, não há uma faixa etária estabelecida para quem pode ver ou ouvir os encantados.

Além do mais, algumas pessoas podem *receber* os encantados, esse verbo que tanto ouvi falar quando estavam construindo narrativa sobre os encantados, significa uma ação de mudança de status, pois ao incorporar algum encantado, quem *recebe* deixa de ser quem é, passa a ser tratada e agir de acordo com o encantado que está recebendo. Há narrativas que também chamam a incorporação de *brincar*, relacionado a quem vai dançar as cantigas nos rituais e se preparar espiritualmente para *receber* os encantados. Além, *de receber e brincar*,

também algumas pessoas usam o termo *curar* ou *curador*, todas essas categorias podem ser usadas para descrever a incorporação ou para se referir a quem pode incorporar.

Porém, para que consiga incorporar algum encantado é necessário ter uma *cabeça aberta*, Seu Pitácio ao explicar sobre os encantados, disse que precisavam ser abertos, esta abertura da cabeça é como caracterizam quem pode *receber* algum encantado e isso é algo que nasce com você

1.2 mães d'água

Existem muitas narrativas sobre as mães d'águas que tecem diversas histórias de experiências pessoais que os mais velhos contam. Elas vivem em regiões no território cercadas por água, como poços e olhos d'água que estão sempre perto juçarais, Gabão afirmou que “*num tem um lugar nesse território que não tenha juçaral, e todo juçaral tem olho d'água, lá esses olho d'água veio cheio tem encantoria.*”, há inúmeras referências das mães d'águas viverem próximos a juçarais. Elas possuem aparência que lembra um humano, porém são mulheres de baixíssima estatura, tem cabelos enormes e se escondem dentro do tronco de algumas árvores próximas a suas moradas quando veem algum indígena andando na mata. As mães d'águas também são invisíveis, mas podem se mostrar para outras pessoas quando querem, porém, para vê-las ou ouvi-las precisa ter os *olhos abertos* como afirmou seu Pitácio e por mais que precise ter olhos abertos para ver, as mães d'águas não podem ser incorporadas.

Elas ficam no território brincando e cuidando dos olhos d'águas, por querer cuidar de sua morada, Seu Macírio disse que antigamente podia ouvir bastante elas falando e batendo roupa perto dos olhos d'água, disse que tinham um poço perto da casa de seu pai, nesse local ninguém poderia criar animais, elas conversavam tanto, contavam tantas histórias que às vezes pensavam que eram outros indígenas falando, mas ao chegarem lá, não viam ninguém, só dava para ouvir a movimentação delas.

1.3 animais encantados

Não são todos os animais que vivem no território que são encantados, existem alguns animais independentes da espécie que podem se tornar em encantados por viverem em locais sagrados, ou também pode ser usado pelos encantados para dar algum recado ou poder encantar alguém. Eles são visíveis para as pessoas e vivem no território de acordo com sua espécie.

Existem algumas narrativas sobre os animais, desde que encantaram pessoas que não aceitaram querer ser um *curador*, ou tais pessoas podem ser visitadas por alguns animais como

forma de aviso ou recado. E também em alguns locais conhecidos como *pontos sagrados* que tinha animais encantados e para poder ter acesso tinha que pedir permissão. Dona Dica relatou uma história que ouviu da mãe de Cipriano, seu esposo. A mãe de Cipriano saía para pegar coco babaçu em local chamado Fragato (fica dentro da terra indígena), quando sentia sede ela iria beber em uma parte do rio que tinha uma fresta na qual descia uma correnteza. Esse era um lugar de encantoria, como Dona Dica explicava, que para poder beber água ou pescar um tinha que pedir primeiro permissão para um peixe que era responsável pelo rio ou então agitava a água de maneira que o barro subisse e água ficasse imprópria para uso.

2. O território é vivenciado por seres

Há diversos relatos a respeito dos seres encantados no território que endossam a teia que conecta todas narrativas. Contudo, essa conseguir captar essas conexões em todas as narrativas não foi algo que inicialmente compreendi enquanto realizava o campo, na verdade, foi durante as investigações sobre os seres sagrados tendo como bases os relatos ouvidos em campo, que comecei a ficar bastante intrigada com a multiplicidade de narrativas sobre esses seres encantados.

Dado que, relatavam diferentes origens sobre as mães d'águas, relacionava os encantados a diferentes elementos, a constância sobre falar dos seres sagrados era bem diversificada, até a forma como lidavam com as moradas sagradas e a natureza eram diferentes. A forma como se referem aos lugares sagrados e quem pode receber os encantados mostrava essa pluralidade de narrativas. Ao longo da pesquisa, ficava pensando em como compreender a diversidade de relatos, a primeiro momento fiquei bem confusa, não era fácil aquela trama de narrativas. Essas narrativas elas coexistem? Se sim, como acontece isso? Ou uma narrativa se sobressai diante das outras? Esses questionamentos eram incitados quando chegavam os momentos em que as narrativa tomavam caminhos distintos, contudo os pontos estão todos conectado, porém ainda não conseguia observar o que conectava todas as narrativas. Ao analisar os detalhes que a pluralidade de narrativas possuía aos pouco fui notando algo singular que o possuía e dava liga para uni-las, na medida em que as longas trilhas traçadas pelas conversas e vivências, desagui em outro caminho que fugiam das interpretações rápidas sobre a diversidade de relatos que resume em sobrepor relatos. Os vários relatos sobre os seres sagrados existem, porque há uma diversidade de relações que acontecem entre os indígenas e esses seres que vivem no território, algo que inicialmente poderia ser visto como falas desconectadas, na verdade mostram uma riqueza de heterogeneidade de relações existentes que conecta todas as narrativas, as tecem até formarem um tecido, as relações e interações

produzidas entre os indígenas e os seres sagrados é o liga as narrativas e dá coerência para existência para esse território ocupado por vários *seres*².

Assim como é indissociável a natureza dos seres sagrados, é indissociável a pluralidade de relatos e os seres encantados. As diversidades de falas não são motivadas pelas percepções, mas porque as diferentes relações acontecem devido às experiências e as vivências existentes. Inspirada em Annemarie Mol (2002) foi imprescindível para compreender as diferenças entre as narrativas, pois a priori acreditava que havia diferenças entre os relatos acontecia devido a forma como interagiam com os seres encantados. Contudo, pessoas que vivenciaram a mesma experiência como, por exemplo, o processo de retomada e a relação com a natureza, faziam relatos distintos sobre as experiências com os seres sagrados. Então, questionava como aconteciam essas relações diversas se a realidade era mesma.

A “chuva de bala” aconteceu no dia do massacre de terra em 30 de abril de 2017 devido ao conflito entre jagunços e os akroá gamella, o fato de terem se perdido na mata durante uma tentativa de retomar uma área tradicional, o sangue como forma de batismos da terra, ou a afirmaram que encantados são humanos, mas fazem a diferença entre “eles e nós”. A *política ontológica* de Annemarie Mol (2002) que tem como ponto fundamental que as práticas produzem modulações ontológicas, desse modo, a realidade é multiplicada. Em razão disso, buscou desenvolver o conceito de múltiplos. Conjectura que as várias narrativas são conduzidas pelas práticas que modelam e forjam novas ontologias, sendo assim, é conceber os relatos como múltiplas realidades na qual nenhuma se sobrepõe, mas são colocadas como realidades que coexistem e podem estar presente uma dentro das outras, assim os mundos se relacionam entre si. Portanto, para compreender a diversidade de relatos, por meio da política ontológica, permite compreender que a multiplicidade de narrativas do povo akroá gamella com os encantados, ocorre devido às várias práticas, ou seja é dividido a forma como cada um se relacionam com esses seres, sendo assim, possibilitando a criação de realidades distintas, não há como possuir uma única narrativa, sendo que a forma como performam as experiências com o seres encantados, as moradas sagradas que são também chamadas de encantorias, os rituais, a cantigas sagradas, os sonhos e visões são diferentes. As diferentes narrativas permitem acessar uma multiplicidade de relações que acontecem entre indígena e seres sagrados, é muito pertinente compreender que por meio desses vários relatos poderá compreender as interações que se têm com os seres sagrados, portanto, é imprescindível entender a respeito da interação

² Trataremos sobre “seres” nos próximos parágrafos. Utilizo *seres* inspirada em Eduardo Kohn.

entre seres, pois logo mais será necessário para o debate acerca dos seres humanos e não humanos enquanto *seres*.

Ao observar as práticas que a autora Annemarie Mol (2002) trabalha para explicá-la como multiplicadora de realidades, pode-se encontrar em um outro autor que propõe uma outra abordagem a respeito dessas práticas, à vista disso, as práticas podem ser traduzidas como *interação* ou *relacionalidades*, por consequência a forma como cada ser encantado e indígena se relacionam e interagem entre si. Para Eduardo Kohn (2013) para trabalhar com a relacionalidade partindo de humanos e não humanos, aborda o conceito de *seres* que é tradução de *selves*, acredita que o pensamento vivo estar além do humano, estes por possuírem *seres* podem interagir com o meio em que vive e até mesmo seres agentes de transformação, pois possuem semiotica. Deste modo, os seres encantados no território akroá gamella interagem com todos e essa interação acontece porque possuem o *pensamento vivo*. Essa interação entre indígenas e seres sagrados é uma forma de comunicação, essa comunicação é o que Mandioca em uma conversa na qual explicava sobre as conexões que podem acontecer entre o povo akroá gamella e os encantados, essas conexões surgem por meio da incorporação, dos sonhos, visões, cantigas sagradas e durante os rituais.

3. Conexões

Essas conexões, que são formas de interação entre os seres presentes no território separei em três formas, a primeira é a respeito do ponto sagrados, a segunda é o canto e por fim, as visões e sonhos.

Muitas dessas *encantorias* além de poderem encontrar uma variedade de ervas medicinais e são por meio desses espaços que podem se relacionar com os seres encantados seja essa relação devido a curas ou permissões para utilizarem certos espaços, em razão de que ter sua *cabeça aberta* é uma condição que permite a pessoa de poder curar e *receber* encantado, dessa forma a partir do momento em que se pode incorporar algum encantado essa relação é estendida para que esse ser sagrado possa usar seu corpo para falar com outras pessoas, seja para realizar uma cura, aconselhar ou conversar sobre outros assuntos. A incorporação desses encantados é uma das maneiras de conexão espiritual, e se torna uma conexão que pode surgir de diversas formas. Dona Lili ao falar que quando Seu Zé Oscar levou uma *flechada* de João Piraí, nessa ocasião enquanto ajudava ela a pescar cascudo. Seu Oscar acabou espetando as costas de João Piraí no rio e Dona Lili procurou uma curandeira que tinha no território para tirar a *flechada*, porém não foi preciso contar motivo de ter ido até ela, ao chegar a curandeira

relatou que João Pirai contou que fez isso porque Seu Oscar o machucou com um pedaço de toco enquanto perfurava o rio que o encantado mora.

Dona Lili disse que não queria ouvir, pois em suas palavras afirmou que a curandeira “ela era cachorra de João Pirai”, ao falar isso logo riu, neste caso, comentou falando da intimidade muito profunda que essa curandeira a qual não recordou o nome tinha com João Pirai, de conversar com ele e senti-lo nos espaços, assim podendo saber de qualquer informação ou situação que acontecesse, à vista disso João Pirai a contava, para além da incorporação usando a frase Dominginho disse sobre o incorporação como “*dom de curar*” que ela possuía, João Pirai se mostrava um encantado que tinha muita intimidade com ela e se apresentava como muito próximo a ponto de aparecer para a curandeira, ensiná-la a curar, conversar, ou seja interagir com ela, essa relação pelo que Dona Lili narrava, apontava de muito respeito por considerá-lo um ser sagrado e que podia recebê-lo, toda via, a relação também ganhava um status de enorme devoção, pois por ser um sagrado, João Pirai era tanto temido, como amado, há outros relatos sobre ser um encantado que cura e protege, por isso o respeitam muito, contudo, temem devido a suas *flechadas* que atira nas pessoas e por pregar muita peça, por isso respeitam e buscam ter sobre o cuidado todo os pontos sagrados.

A segunda forma de conexão é o cantar, Outro tipo conexão é o cantar, Ailton Krenak (2019) pontua o cantar e dançar como uma experiência que permite acesso a um espaço mágico que ele chama de suspender o céu, noção que o autor pretende mostrar sobre o céu suspenso que faz parte de várias cosmologias indígenas remete a uma forma como o horizonte existencial é ampliado, ou seja, as cantigas e as danças proporcionam possibilidades de interpretar a realidade por diversas maneiras, tendo em vista que recontam histórias sobre a criação, entrada a territórios míticos, cura, força e existência de outros seres no mundo, então cantos e danças se tornam trilhas para acessar outras percepções, lugares e tempo a respeito da realidade.

Steven Feld (1990) acreditava que era possível conhecer o mundo por meio dos sons, pois as músicas cantadas ou tocadas em rituais estão presentes no cotidiano das pessoas, como acontecia com o povo kaluli em Bosavi, ao observar que faziam classificações morfológicas baseada nos sons que pássaros emitiam. Contudo, essas classificações ressoavam muito mais que costume adquirido, o cantar dos pássaros que refletia nas expressões sentimentais, como o fato de achar o choro feminino parecido com o cantar das aves; os sons de pássaros como vozes da floresta; ou a definições dos papéis sociais de homens e mulheres; o cantar dos pássaros estava relacionado a um mito de origem chamado de *Muni* sobre o garoto que se

tornou um pássaro, enquanto estava pescando com sua irmã mais velha em riacho, ela durante a pescar conseguiu pegar algumas lagostas e em todas as vezes o irmão pedia para dar a ele o que se tinha pescado, porém a irmã sempre recusava e afirmava que iria dar para alimentar os pais ou os mais velhos, o garoto em todas as vezes que a irmã recusava ele fica muito triste e chorava. Na terceira vez que a irmã pegou a lagosta o garoto tornou a implorar para ganhar e ela novamente recusou. Ele ficou muito triste e conseguiu pegar um pequeno camarão e quando abriu a palma da mão notou que estava todo vermelho, o nariz estava todo vermelho e seus braços estavam se tornando asas. Quando ela viu que o irmão estava se tornando um pássaro pediu para ele não voar, o garoto tentou abrir falar algo, porém, saiu apenas um som que os pássaros *Muni* fazem. A irmã chorou bastante e pediu para voltar, pois ela o daria todas as lagostas. Contudo ele não voltou e ela começou a cantar chorando. A partir desse mito é que os papéis sociais entre as crianças são definidos, o choro da mulher se encarado como um canto de pássaro e principalmente como os sons expressão sentimento.

Pensar o cantar ou som como uma possibilidade de suspender o céu ajuda a compreendê-los como forma de conexão seja com descrições de eventos históricos ou um mundo mítico, de alguma maneira essas cantigas conectarão com algo que buscam descrever, além do mais se for observar o processo de criação desses cantos seja as letras ou as melodias são ofertada por meio de sonhos, visões ou inspirações em animais que possui alguma simbologia mítica, ou seja, para a realização das cantigas de algum modo houve uma conexão com outros seres sejam humanos ou não humanos. O cantar para povo akroá gamella referente aos cantos sagrados não se há indícios de como foram criados, mas são cantigas ancestrais que são passadas de gerações em gerações, por isso a oralidade é essencial nesse processo de permanência das cantigas na vida dos indígenas. As cantigas sagradas descrevem sobre os seres sagrados que vivem no território, seus nomes, os locais onde moram e até mesmo canto que evocam características de como o povo akroá gamella e vêm.

O cantar promove transformações que permite acessar lugares por meio das variações das cantigas que descrevem seres, lugares e sensações, utilizo o conceito de *duplo invisível* com a qual Carlos Severi (2014) busca explicar mais sobre a comunicação que acontece durante o ritual, o objetivo é se apropriar da ideia central, mas levando em consideração as diferenças e peculiaridades do povo akroá gamella. Carlos Severi (2007) ao observar as ações realizadas nos rituais pontua o quanto o cântico xamânicos são importantes. As cantigas que entoadas nos rituais não mostram lugares que só existem na hora que estão sendo cantadas, porém ao observar as descrições que são feitas sobre lugares sagrados e seres encantados,

diante dos olhos é aberta uma possibilidade de lugares que existem e são visíveis a todos, possam ser olhadas não apenas como espaços da natureza, mas como lugares que são sagrados por abrigam seres encantados que são sagrados e importantes no território akroá gamella. A partir dos cantos as visões são ampliadas para que se possam compreender os espaços visíveis. Como disse Seu Pitácio, são necessários os “olhos abertos”, pois as cantigas apresentadas trazem descrições detalhadas dos espaços que promovem a mudança dessa lente que faz acessar os lugares que estão no território visível possa ser concebidos como espaços míticos, seja por abrigar seres sagrados, por recontar a história ancestral dos akroá gamella ou trazer descrição de frutos do território.

Eu sou jurarandinha

Lá do poço de beber

Eu sou Jurarandinha

Lá do poço de beber

Lá eu vejo gente

Mas gente não me vê

As cantigas de cura além de apresentar o território akroá gamella e seus espaços míticos que são também conhecidos como *encantorias* seja das mães d'águas, encantados e animais encantados, fala sobre os esses seres encantados que vivem no território de forma invisível, se revelando apenas para quem querem, ou seja, apesar de suas moradas serem visíveis, pois em matas e águas, os mesmo não se deixam serem visto. Por meio das cantigas pude conhecer mais sobre os seres encantados que vivem no território, algumas características a respeito da vegetação e sobre esses seres encantados em outros espaços, como essa cantiga

Carlos Severi (2014) ao analisar a música dos Wayampi tratará da cantiga enquanto uma forma de transmutação propriamente dita, pois a música é traduzida de um modo não verbal para outro código não verbal. As músicas dos Wayampi são sempre destinadas a seres não humanos, as cantigas descrevem os animais predadores não somente por os sons que emitem, mas também por uma série de elementos sonoros que são relacionados a outros seres, a exemplo do tema do tucano, várias outras características além do canto do tucano são levadas em conta, como sua agilidade, elegância e cores. Mandioca falava que durante o ritual estavam buscando conectarem-se com os encantados, os cantos servem como forma de se conexão com esses seres, o canto são tão importantes que chamam de *cantos de cura*, buscam se relacionam com os seres encantados durante o ritual, como diz a cantiga do Caboclo Índio que ao falar o

nome dele serve como um chamado para que ele atenda, não somente age como um chamado, mas que ao acontecer essa conexão buscam renovar forças e cura. O cantar as cantigas de cura durante o ritual é fio condutor para que haja uma comunicação entre os seres encantados e os indígenas, essa comunicação por meio do canto possibilita a conexão com esses seres para aconteça fortalecimento das relacionais que acontecem no território, sendo assim, também possibilitando que os seres encantados possam curar trazer força e proteção

Sendo assim, por meio das cantigas de cura é possível se conectar com os seres sagrado, pois ao serem entoada nos rituais de cura agem como um chamado para com os seres encantados, permitindo que esses possam fazer conexões com os indígenas, para conseguirem essa ligação é necessário que os cantos sejam cantados em um ritual, visto que os cantos além agirem como chamado, contam sobre a morada desses seres encantados e como vivem no território akroá gamella

Ailton Krenak (2019) afirma que muitas pessoas concebem os sonhos como algo fora da realidade, contudo, é importante compreender o sonhar como um caminho que traz sentido para vida, pois estão conectados como uma experiência relacionada à cosmovisão de alguns povos. São por meio do sonhar que podem obter cantos, curas, grafismos, discernimento para tomada de decisão e avisos que não poderia ser estabelecido no mundo físico, o sonhar se torna um caminho de possibilidades conectadas com a realidade. Quando pensa no sonhar akroá gamella como uma possibilidade de encontrar respostas ou avisos, alguns sonhos podem ser compreendidos como se tivessem seguido um caminho que conecta aos seres sagrados, pois foram por intermédio deles que aconteceu o prelúdio que no sonhar veio o aviso. Porém, não somente os sonhos são encarados como formas de conexões com os seres encantados, a visita de algum animal ou visão também são maneiras de comunicação com o sagrado encantado. Muitas narrativas puderam ser ouvidas em campo e até mesmo presenciar sobre sonhos, visitas e visão que foram realizadas por algum ser encantado.

Nesse tópico trabalharei sobre essas narrativas que recontam experiências pessoais de alguns indígenas e como foram interpretadas como uma interação com os seres que vivem no território. Os sonhos e as visões são caminhos oferecidos pelos seres encantados para que haja uma conexão e possam oferecer revelações sobre algo que tornará a ser realizado em futuro, ou seja, alguns sonhos podem ser um *devir*, algo que virá a construir o futuro, seja a resposta para algo, um aviso ou um ensinamento. Categorizo alguns sonhos como que pude ouvir no território como um *devir*, pois eram possibilidades de construção de uma realidade futura que foi direcionado pelos seres encantados, utilizo a categoria *devir* como inspiração em Barbara

Glowczewski (2015) ao realizar um trabalho com o povo Warlpiri na Austrália, observou como o sonho é importante, dado que o sonhar é um processo em quem homens e mulheres podem fazer o itinerário mítico, visto que por meio dos sonhos podem formar conexões ou mapas, no sonhar podem obter cantos que são entoados nos rituais e desenhos, ou serem avisados de algo. O sonhar para os Warlpiri é incluir todo possível de meios e forma que podem acontecer e o sonhar está conectado com a realidade, como explica a autora ao ter uma conversa com a Nakakut que relatou que sonhou que estava sendo fotografada e achava que era porque tinha pedido para sua filha tirar uma foto, Barbara Glowczewski também contou a Nakakut que tinha sonhado algo estranho enquanto estava acampando com a família de Jungarrayi, no sonho ela estava flutuando em um barco em um imenso lago negro, a água levantou um vulto tão grande quanto uma montanha. O vulto era magro e com o semblante triste, ao estender as mãos com as palmas para cima, depositou nas duas mãos um pouco de terra, porém a terra era o barco. O Vulto que parecia ser uma mulher desapareceu sob as águas e se transformou em terra. Nakakut explicou que o sonho que Barbara Glowczewski teve estava ligado com as esposas de Jungarrayi, sonhou com as águas, pois as esposas dele viriam da chuva, a água se encontrando com a terra era o sinal de Jungarrayi e suas esposas. E que o sonho foi dado a ela por *Wapirra*, para demonstrar que tinham a acolhido. Os Warlpiri não confundem o que é sonho e o que é realidade, porém constroem uma relação entre os dois, de tal modo que um não é a oposição do outro, explicam o sonhar e o território existencial como um movimento entre dois planos. *Kankarlu*, “acima” que refere-se ao que constitui o presente, o ambiente terrestre. O *Kanunju*, “abaixo” traz referência ao passado, subterrâneo e o espaço em que tudo pode acontecer, sendo assim, *kanunju* faz parte de um mundo de possibilidades em que pode acontecer. Compreendendo os sonhos como um *devir*, ou seja, um espaço de possibilidades com a qual o *kuruwarri* que significa lei, afirmam que não tem crença e sim *kuruwarri*, apesar do termo ser traduzido enquanto lei, toda via também é utilizado para relacionar com o sonhar.

Então, relacionar esse *devir* que a autora trabalhar como um espaço de possibilidades de algo que poderá vir a torna-se, abre campo para discutir os sonhos *akroá gamella* como também um espaço de possibilidades que surge e esse sonhar também é um momento de conexão com os seres encantados, pois por meio do sonhar, por exemplo, os encantados podem se comunicar com alguém para avisá-lo de algo que afligirá, explicar alguma situação ou dar direcionamento, isso pode ser tanto um sonho que se refira ao coletivo como algo pessoal, os sonhos são avisos, mensagens que os seres encantados utilizam para se comunicar com os indígenas. O sonhar é uma forma de se conectar com esses sagrados no território.

Dona Zidora, que possui 77 anos e mora na aldeia Tabocal relatou-me que quando mais nova teve um sonho que seria uma *curadora*, elas era ainda nova, morava com os pais, não recorda com quantos anos esse sonho aconteceu, afirma que durante o sonho ela estava perto de uma axixazeira que ficava perto do igarapé, falavam para procurar entre as raízes que ela acharia algumas moedas de ouro e um colar muito grande, pois era dela tudo que estava ali. Dona Zidora acordou assustada, como foi a primeira em sua casa a levantar decidiu a ir sozinha e não avisar a ninguém sobre o sonho. Durante o caminho até chegar ao local que o sonho indicava, disse que viu várias mães d'águas de longe, eram bem baixinhas e de cabelo cumprindo, quando elas ouviram seus passos se esconderam em uma árvore que tem o tronco oco, ao passar pela árvore as ouviu rindo e só deu para observar seus pés. Ao chegar o local indicado no sonho que era um *ponto de sagrado*, uma morada de seres encantados, começou a cavar perto das raízes da axixazeira que estava no igarapé e logo achou as moedas de ouro, pegou uma cuia para guardar as moedas, afirmou que eram muitas moedas, ao cavar achou também um cordão com uma cruz de ouro enorme, enquanto pegava tudo e colocava na cuia, ouvi um casal vindo, a senhora quando chegou perto de onde Dona Zidora estava e chamou o porco de “desgraçado”, pois ele tinha destruído sua plantação, nesse momento a cuia caiu com tudo dentro do igarapé e logo tentou pegar tudo, quanto mais cavava, mais ia sumindo tudo, disse que cavou por muito tempo e não achou nada. Voltou pra casa frustrada, mas não contou a ninguém. Anos depois do acontecido, ao ir a centro de umbanda um pai de santo que estava incorporado perguntou o porquê de nunca mais retornado ao local sonho, disse que ficou surpresa, pois nunca contou para ninguém. Respondeu que não sabia do sonho que ele falava, o homem respondeu que era o sonho que ela teve que encontrava moedas de ouro e um crucifixo, até que ela tinha conseguido achar, mas que por conta da palavra que a senhora que tinha ido ver a plantação falou uma palavra muito feia e a encantaria derrubou as coisas. Mas que poderia voltar até o local que indicaram no sonho qualquer dia, pois era dela e ninguém tomaria, com o crucifixo seria uma grande curadora. Dona Zidora disse que não quis mais voltar, mas sabe que o sonho e tudo que aconteceu foi algo feito pelos encantados, quando mais nova as mães d'águas a chamavam muito no local que morava antigamente. Assim como sonho de Dona Zidora que foi um meio que os seres encantados tiveram para se comunicar com ela e explicar sobre o dom que tem de curar. O sonho foi uma possibilidade de uma realidade e uma forma de conexão.

Um outro sonho foi o de Jaurê, que teve um dia antes da retomada do dia 30 de abril de 2017, durante sonho ele corria em direção a aldeia Piraí e na estrada viu muitos parentes seus morto, os corpos todos cortados e muito sangue espalhado por onde passava, em um

determinado momento do sonho estava frente a um muro enorme que não parecia ter fim. Jaurê afirma que o sonho foi uma mensagem enviada por Deus e os seres encantados para avisar da retomada que seria realizada logo mais e que precisam ter cuidado durante a ação. Em campo pude ouvir sobre outros sonhos, algumas pessoas me contaram em momento de conversas do cotidiano e pediram para que fosse guardado segredo sobre os sonhos, contudo, quando se observar o sonhar akroá gamella, é um espaço de possibilidades, de *devir*, onde os seres encantados podem e conectar com os indígenas e comunicá-los de algo que acontecerá, uma resposta para um problema, avisos ou ensinamentos de como podem curar, o sonhar é um momento de conexão que abre para uma multiplicidade de coisa que poderão tornar existir.

Os sonhos, as visões, as visitas, os cantos de cura, incorporação os lugares sagrados no território são caminhos que levam até os seres encantados, esses caminhos são formas de conexão existem para que haja comunicação entre todos os seres que habitam o território akroá gamella, a comunicação é o garante a relacionamentos entre os seres e sagrados e indígenas. Essas maneiras foram descritas nesse tópico tratam-se de caminhos que utilizam para que se conectarem com os seres que vivem no território, assim garantindo uma relação com os seres encantados, seja por meio do canto que apresenta o território mítico e a história dos seres sagrados, a incorporação que possibilita *receber* os encantados e poder curar, seja os sonhos, as visões e as visitas de animais, todos são caminhos que levam a se conectarem com o sagrado, o mundo encantado.

4. Conclusão

Nesse trabalho buscamos apresentar por meio da cantiga “*terra de caboclo é terra de encantaria*” o território akroá gamella que abriga uma multiplicidade de seres sagrados que vivem em suas *moradas* que são chamadas de *pontos sagrados*, *pontos de índios* e *encantorias*, que são locais sagrados que ficam nas matas, nos rios, igarapés, açudes, poços e olhos d’águas. Portanto, os seres sagrados vivem na natureza presente no território, é imprescindível que esta natureza esteja preservada, pois as intervenções ambientais realizadas pelos não indígenas destroem suas moradas e faz com que muitos seres “Vão embora do território”. Como os seres encantados são grandes responsáveis por preservar a cultura akroá gamella, como Kaw que possui 41 anos e mora na aldeia Nova Vila explicava-me. Afirmou que se distanciaram da sua cultura sempre quando os lugares sagrados que são as *encantorias* foram tomadas e ficaram sob posse de não indígenas.

Então, esses seres estão sempre a frente quando o assunto são as demandas políticas territoriais, pois, é necessário ter cuidado com as *moradas* para que haja a sobrevivência desses

seres no território. Tendo vista que é a partir deles que o povo akroá gamella tem conhecimento das ervas medicinais, podem ser curados e ensinados a curar, assim podendo ser um *curador*. As mães d'águas, encantados ou animais encantados por possuírem um *seres* como Kohn (2013) categoriza de acordo com sua antropologia que busca abordar uma floresta que pensa, pois todo ser vivo que possui o pensamento vivo é capaz de interagir com o meio que vive, deste modo, os seres encantados possuem o pensamento vivo e se relacionam com os indígenas e essa racionalidade é uma forma de comunicação que podemos traduzir como uma conexão, palavra muito utilizada pelo povo akroá gamella para expor a forma como se comunicam com os seres encantados.

5. Referência bibliográfica

ALARCON, Daniela Fernandes. O retorno da terra: As retomadas na aldeia Tupinambá da Serra do Padeiro, sul da Bahia. Dissertação de mestrado (Ciências Sociais). Brasília. Universidade de Brasília, 2013.

CAYÓN, Luis. “Lugares sagrados y camino de curación: Apuntes para el estudio comparativo del conocimiento geográfico de los Tukano Oriental”. ANDRELLLO, Geraldo(org.) Rotas de criação e transformação.ed 1. São Paulo. Instituto Socioambiental ; FOIRN - Federação das Organizações Indígenas. 2012.

FELD, S. Sound and Sentiment: Birds, Weeping, Poetics, and Song in Kaluli Expression. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1990.

GALLOIS, Dominique Tilkin. “Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades?”. In: RICARDO, Fany (org.). Terras Indígenas e Unidades de Conservação da natureza: O desafio das sobreposições. São Paulo, Instituto Socioambiental, 2004. pp. 37-41.

GLOWCZEWSKI, Barbara. Devires totêmicos: cosmopolítica dos sonhos. Tradução de Jamille Pinheiro e Abrahão de Oliveira Santos. São Paulo: N-1 Edições, 2015. Edição bilíngue

KOHN, Eduardo. How forests think: toward an anthropology beyond the human. Berkeley: University of California Press, 2013.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MOL, A. The body multiple: ontology in medical practice . In Nunes, J. A. duke university press durham and london, 2002 .

SEVERI, Carlo. Le Principe de la chimère. Une Anthropologie de la mémoire. Paris, Rue d'Ulm, 2007.

SEVERI, Carlo. 2014 [2017]. “Seres transmutantes: uma proposta para uma antropologia do pensamento”. *Ilha Revista de Antropologia* v. 19, n. 1: 217-262.